



DocLisboa

“Vers Madrid”.

O longo jogo da contra- -informação montado por Sylvain George

O i falou com o realizador francês que acaba de estrear um documentário sobre o movimento 15M

JOANA AZEVEDO VIANA
joana.viana@jonline.pt

Quando, na noite de segunda-feira, chegámos à Culturgest para levantar os bilhetes de “Vers Madrid – The Burning Bright”, a rapariga da bilheteira do DocLisboa olhou-nos com ar de gozo e largou a pergunta: “Já sabem que o filme passou de 60 minutos para 125...?”

Sem mais explicações, parecia estarmos a assistir em primeira mão ao milagre da multiplicação cinematográfica. Já dentro da sala, a extensão súbita do filme sobre o movimento madrileño 15M acabaria por fazer algum sentido. Mesmo assim, a conversa com o realizador Sylvain George, dois dias depois do visionamento, só podia começar por aí.

“Um tipo do festival de cinema de Veneza, que já tinha visto um trabalho meu, andava a pressionar-me para apresentar outro filme e surgiu-me a ideia de usar as imagens que captei em Madrid”, explica-nos num inglês afrancesado, com “zzz” no final de várias palavras. “Foi um work in progress que não chegou a ser apresentado lá [a estreia mundial foi em Lisboa] e quando me candidatei [ao Doc] achei mesmo que o filme ia ter 60 minutos. Não foi possível e só o acabei três horas antes de apanhar o avião para cá.”

MODELOS As duas horas talvez não fossem necessárias, a julgar pelas queixas ouvidas à saída da sala sobre a montagem e a falta de posições críticas ou ideológicas. Mas “Vers Madrid” não é um documentário típico. Inspirado pelo formato de cinema documental newsreel, criado pelo americano Robert Kramer nos anos 70, o filme é uma montagem a três tempos de imagens captadas por George sem objectivo definido à partida.

“Quando os eventos começaram em Madrid, senti necessidade de lá ir porque queria ver o que se passava com os meus olhos. Estava em Paris e pensei: ‘Será que é esta a primeira revolução na Europa depois da Primavera Árabe?’ Muitas pessoas questionavam se era por contaminação ou se era o início da revolução no mundo ocidental. Então fui para

Madrid, só eu e a minha câmara, não porque quisesse fazer um filme mas porque queria gravar aquele momento.”

A decisão de montar um filme só surgiria um ano depois de o francês ter percebido que, como diria o músico-poeta Gil Scott-Heron, a revolução não seria transmitida na televisão. Sem saber uma palavra de espanhol e sem nunca ter estado em Madrid, George navegou o espaço da acampada o melhor que pôde até fazer as primeiras amizades (com as quais mantém contacto). As mesmas que acabaram por orientar o percurso pré-filme, diferente de outros que produziu.

“Não fiquei dois ou três meses seguidos a estudar um sítio ou um acontecimento, como com os meus dois filmes anteriores”, ambos sobre imigração. “Passava uma semana em Madrid, outra em Paris, voltava a Madrid e de volta a França, sempre assim. Então,

quando comecei a montar o filme, senti que tinha de arranjar uma forma de ser coerente para com o evento e as pessoas, mas sem fazer um documentário só sobre o movimento.”

Foi então que surgiu a inspiração Kramer, ainda que a forma newsreel seja mais usual em curtas metragens. “No início da segunda cena, depois daquela primeira com discursos de manifestantes, mostro apenas uma vista geral curta do acampamento, como fazem nas notícias. Sabes quando mostram o sítio onde se passou a notícia, muito rápido, depois passam para a entrevista e acaba-se a peça? Quis jogar esse tipo de jogo mas mostrando o que as televisões não mostram e achei que o newsreel era perfeito porque sempre funcionou como contra-informação, daí o trabalho [de Kramer] chamar-se ‘Cenas da luta de classes e da revolução’.”

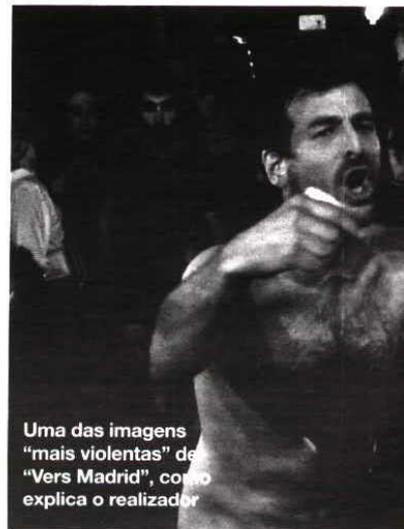
A grande diferença neste “Vers Madrid”, em jeito de janela para o mundo ocidental, é a modernidade, o calcanhar de Aquiles de povos e governos que hoje vivem em luta constante tentando (não) gerir a aparente falta de soluções. “É diferente dos 70s, do século XX, porque nessa altura havia todo um conjunto de referências, o maoísmo, o marxismo-leninismo, o trotskismo, que hoje já não fazem sentido. Agora vivemos um momento histórico em que a única coisa que une as pessoas é a luta contra o ultraliberalismo mas sem haver contra-ideologias”, diz-nos, subitamente inquieto no sofá.

“É isso que acho que faz de Madrid um exemplo incrível”, acrescenta, “porque criaram espaço para falar, coisa que já não existia há muito tempo. Acamparam na praça, trocaram ideias, mostraram ali mesmo que outra sociedade é possível a partir deste ponto completamente novo que é o debate entre novos e velhos, classe média, burguesia e proletariado, nas ruas. Os instrumentos de conversação e apresentação de ideias estão destruídos, hoje até os sindicatos estão subjugados aos governos, e por isso é que isto é importante. E completamente novo!”

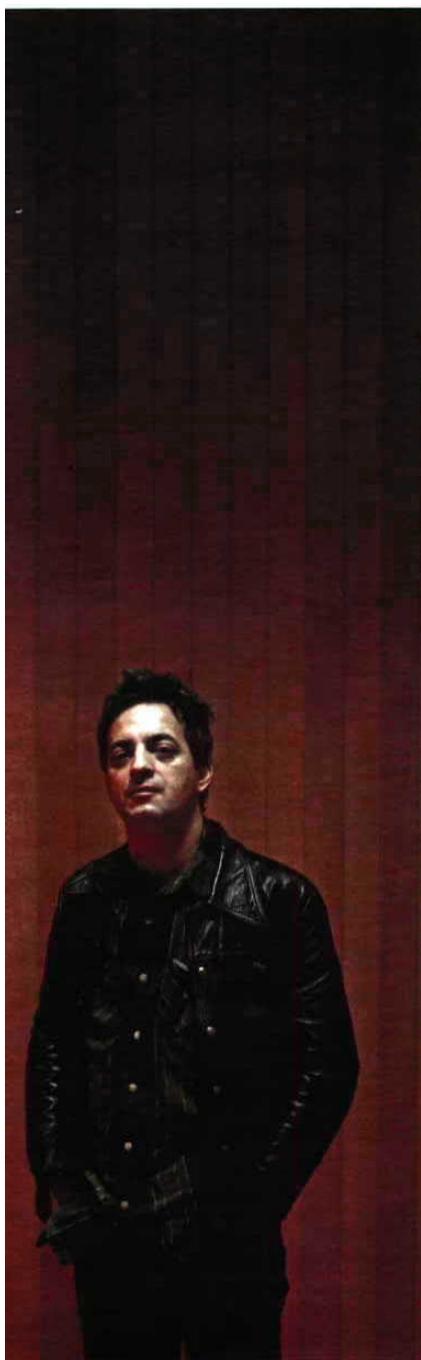
POESIA E NUS Regressemos ao produto final por um momento: a meio do filme,

“O 15M criou espaço para falar, coisa nova agora quando até os sindicatos estão subjugados”

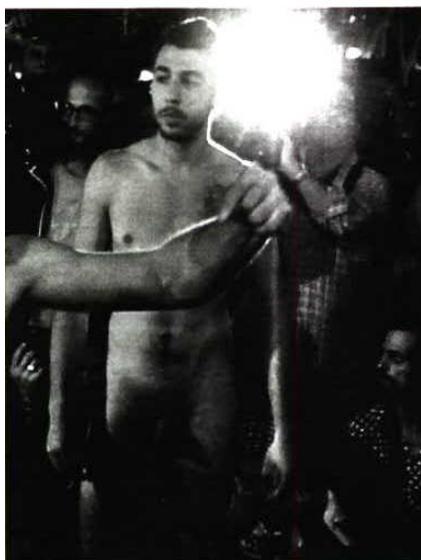
“Quis mostrar o que as televisões não mostram e achei que a forma documental do newsreel era perfeita para isso”



Uma das imagens “mais violentas” de “Vers Madrid”, como explica o realizador



Antonio Pedro Santiago



D. R.

O realizador de "Qu'ils reposent en révolte (Des figures de guerre)", apresentado pela edição de 2011 do Doc, escolheu o festival para apresentar o seu último filme, cenas de uma revolução iniciada em Madrid no ano passado

uma "cena da revolução" acorda adormecidos e comatosos. Dois rapazes beram em cima de uma coluna de polícias de choque. "É por uma miséria de salário que vendem a vossa honra? Sou neto de um guarda civil e quando chegou a altura de lutar contra Franco ele soube que lado escolher!"

A impavidez dos agentes provoca o que, por esta altura, parece ter-se tornado numa espécie de moda entre manifestantes: a nudez. A imagem remete-nos para o que aconteceu na semana passada, em Lisboa, durante o Cerco a São Bento, em que duas raparigas tiraram as camisolas e os soutiens. Só que em "Vers Madrid", para além da atenção se focar em pilas e não em mamas, a cena parece ser mais brutal.

"Acho que o acto de te despores numa manifestação pode ser sempre uma forma de te protegeres da violência estatal e da repressão policial, quando estás nu a polícia não te vai bater", diz-nos George. Mas no caso em questão, adianta, houve mais do que isso em jogo, o que torna a imagem "muito violenta", quase tão violenta como o espancamento de manifestantes por polícias de bastão em punho, que George também registou de perto. "A polícia que está nas ruas também é o povo, portanto o que temos é o povo a bater no povo. Essa imagem simboliza o quanto as pessoas são controladas pelo poder, pelo governo. Aquelas polícias são o povo instrumentalizado pelo estado controlador e manipulador, que impõem a violência estatal contra o povo."

A imagem e a explicação carregam uma certa poesia mórbida, eficaz porque real. Como "Vers Madrid", a revolução é um trabalho em curso. George apenas gravou o início, organizando-a a partir de um poema de Garcia Lorca, "porque o seu conteúdo pode ser ligado a elementos desse poema, às metáforas com que Lorca brinca: a lua e a água como sinais de morte, o fogo e o sol como símbolos de vida. A revolução começou na Puerta del Sol e acabo o filme com imagens da cor do fogo. Mas se olhares de perto, é água em ebulição." Não tinha-mos reparado.